

**A FAVELA  
COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO CULTURAL LOCAL**

*Fábia de Castro Lemos* (UNIGRANRIO/FIOCRUZ)

[fabiaclemos@bol.com.br](mailto:fabiaclemos@bol.com.br)

*José Carlos Sebe Bom Meihy* (UNIGRANRIO)

[jcarlosbm@hotmail.com](mailto:jcarlosbm@hotmail.com)

*Joaquim Humberto Coelho de Oliveira* (UNIGRANRIO)

[jhumberto@uol.com.br](mailto:jhumberto@uol.com.br)

**RESUMO**

A presente proposta versa sobre resultados de pesquisas procedidas favela da Barreira, situada na zona norte do Rio de Janeiro. Tendo como objetivo a análise do meio sociocultural assumido como ambiente propício para o entendimento das relações imediatas, elegeu-se a educação informal como mecanismo capaz de permitir o reconhecimento mínimo dos sujeitos em processo de vivência grupal. Para efetivar o exame desse tipo de relações culturais, entendidos, em sua dimensão local primária, a “história oral de vida” foi escolhida como alternativa apta a instruir procedimentos operacionais que se abrem ao exame do papel do indivíduo em seu meio imediato e as relações possíveis de interação com o espaço maior da cultura que abrange tal situação.

**Palavras-chave:** Favela. Narrativa. Cultura.

**1. Introdução**

A compreensão de que as experiências cotidianas são capazes de assumir um papel que possa promover a leitura de mundo significativa ao indivíduo, na perspectiva da compreensão das contribuições da educação informal, tem motivado a observação da construção dos elementos que compõe o arcabouço cultural na favela da Barreira, nosso *locus* de estudo que tem conduzido nossa empiria social.

O entendimento de que o espaço da favela pode desvelar-se como ambiente educador, aportado na idéia das cidades educadoras em Mignolo (2010) a partir da observação de relações travadas entre o espaço e o grupo, pode ser considerado o axioma central na valorização do fator humano para a construção do tecido sociocultural, permeado por elementos que estão presentes na favela, cenário que mobiliza o cotidiano donde os indivíduos se (re)produzem em conhecimentos e práticas diárias, tor-

nando a favela um espaço dotado de vida, potencialmente educador.

A análise das relações imediatas a partir do meio sociocultural, tem na educação informal o fio condutor que possibilita o reconhecimento das experiências como veículo motivador de práticas e saberes locais, que parte da perspectiva da produção do conhecimento comum, revelando as possibilidades educativas como furto das relações do grupo no ambiente, no espaço da favela, um mundo produzido e (re) produzido pelas relações que atravessam o espaço e as próprias relações, através do fazer.

É nessa perspectiva que o presente artigo busca analisar o meio socioambiental da Favela estudada como mote significativo de produção de práticas e saberes que conduzem a formação do *ethos local*, onde a educação informal emerge como mecanismo mediador capaz de permitir o reconhecimento dos sujeitos em processo de vivência social a partir de seu pertencimento com o grupo.

O movimento de observação tem como aporte a valorização das narrativas, que nos enreda a construção da história oral de vida como alternativa hábil à instrução de procedimentos que possibilitam a análise do papel indivíduo em seu meio, e as relações possíveis com o espaço mediador e produtor da cultura local da favela.

A partir da análise das narrativas e as possibilidades de construção que emerge delas propomos a reflexão da necessidade da compreensão da relação do grupo com o espaço da favela para valorização de saberes e práticas desveladas como produto da educação informal, cotejando assim a construção do discurso, as formas de apropriação do espaço e experiências diárias, no processo do conhecimento comum aquilatando a cultura urbana de periferia nas favelas o que possivelmente instrumentalizará diálogos à inclusão cultural do grupo e da própria favela como espaço urbano educativo.

Para a sistematização e desenvolvimento do presente trabalho, estruturamos utilizamos as narrativas do grupo, como construto da história oral de vida Meihy (2011), analisamos ainda os dados com os escritos de Gadotti (2005), Maturana (2014) e Geertz (2015) entre outros autores.

## **2. *Gênese criativa: a ocupação do espaço***

A compreensão de que a favela pode ser fonte de produção de saberes e conhecimento, não é tarefa fácil de ser perquirida, demanda um

aprofundamento no *flanar* pelos espaços da favela, considerando todos os aspectos físicos e abstratos, o que nos remete, inicialmente, a criação do espaço da favela.

A necessidade impõe estratégias de sobrevivência, na busca da autopreservação da vida, de direitos tão elementares quanto básicos aclamados no campo das possibilidades, com esse pensamento, mola propulsora que desvela a favela para além do fenômeno urbano, mas como realidade social concreta.

A favela da Barreira é produto das lutas sociais do grupo, forjada pela necessidade de habitação, criada com indissociáveis relações sociais constituídas no seu núcleo, mantendo relações estreitas com as reformas urbanas, sendo, como preconiza Balman (2005, p. 20), um espaço redundante as reformas e crescimento do próprio bairro, se o projeto consistia na reforma urbana, o rejeito desse projeto certamente foi à favela, e no caso da Barreira, o rescaldo da urbanização periférica do seu bairro.

No entanto, essa “construção social da favela da Barreira”, não tirou o potencial de produção e organização do espaço, mobilizada pelos mesmos elementos que norteiam a mobilização das cidades o *fator humano*, fazendo atualmente com que a favela se produza como cidade, sua existência é a personificação mais viva do exercício do direito à cidade, o que no conduz ao entendimento de que a cidade seja um espaço matizado de acordo com os níveis de realidade social, onde a favela emerge como um desses níveis de realização e realidade social. (LEFEBVRE, 2001, p. 63)

Se consideramos o materialismo histórico que envolve a gênese da favela da Barreira, precisaríamos considerar as negociações as quais nortearam a distribuição das sesmarias, a necessidade política de ocupação e apropriação territorial no Brasil colonial, e a distribuição de sesmarias, apenas para compreendermos que a ocupação do espaço pode ser regular quando da ausência e interesses políticos, mas irregular quando da ausência desses.

A favela se relaciona, assim, como parte da história de criação do bairro de Rocha Miranda e Honório Gurgel, mantidos por um único proprietário de sesmaria, Dr. Honório José da Cunha Gurgel do Amaral<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Fonte: Instituto Histórico e geográfico brasileiro. Obra: *Na trilha do passado: genealogia da família Gurgel*. Autor: Aldysio Gurgel do Amaral.

(1860-1920), nascido em Irajá, tendo sido o 10º prefeito da cidade, governando o Rio de Janeiro (1898-1899), doando à família Rocha Miranda, metade de suas terras, iniciando assim o processo de tímido de “urbanização” com abertura de ruas e vias e dos bairros de Honório Gurgel e Rocha Miranda.

Os relatos de alguns moradores mais antigos, infantes por ocasião da formação da favela da Barreira (no fim da década de 40 início de 50), recorrem aos fragmentos de memória buscando, nas histórias contadas por seus avós e pais, a trajetória para construção do bairro de Rocha Miranda e Honório Gurgel, relacionando assim a formação do bairro com a necessidade de mão de obra, já na segunda década do século vinte, onde o espaço se desvela como legado à memória. (LE GOFF, 1996, p. 536)

As narrativas, na dicção de Meihy (2011) demonstram uma relação estreita com as experiências vivenciadas, no caso do surgimento do bairro, essa mecânica não foi diferenciada; A necessidade de mão de obra se revelou tão proporcional a necessidade do crescimento do bairro, gerando questões de entrada e ocupação habitacional dos trabalhadores, que por fim instalaram-se nas áreas menos privilegiadas do bairro, formando assentamentos de baixa renda<sup>6</sup>.

A análise breve do movimento de ocupação do bairro nos reporta a uma reprodução assistida da urbanização da própria cidade do Rio de Janeiro, o bairro de Rocha Miranda e Honório Gurgel surgem como produto futuro de uma abstração urbana do projeto de reforma, resquícios indeléveis do legado de Passos<sup>7</sup>, emergindo como subproduto do desenvolvimentismo, o que se consolida na narrativa de um dos moradores que indica que o bairro cresceu muito durante entre as décadas de 30 e 40, marcando assim o início da ocupação do que hoje se conhece como favela da Barreira, favela com aproximadamente 70 (setenta anos) de consolidação.

Atualmente, o grande ganho da favela tem sido o encontro consigo, as estratégias forjadas no cotidiano, que geram meios de ampliação e conhecimento com o próprio espaço, favorece relações que, consubstanciadas nas práticas e saberes locais, consolidam um mote cultural peculi-

---

<sup>6</sup> Segundo informações do portal GEORIO, obtida junto ao Sistema de Assentamento de Baixa Renda, o local é reconhecido como *Favela Vila Operária Diamantes*: Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html>

<sup>7</sup> Reforma Urbana Pereira Passos (1902-1906)

ar do espaço.

Os elementos que nos chamam a reflexão consistem no discurso, na comunicação falada de palavras e jargões produzidos e utilizados no espaço da favela compreendida pelo grupo, verificada nas narrativas de alguns membros do grupo, as formas de apropriação do espaço e distanciamento do mesmo, e as marcas existenciais produzidas nos muros da favela.

### **3. *Produção cultural da favela: o pertencimento***

Para analisarmos as produções culturais da favela, necessário se faz a reflexão das questões que norteiam o pertencimento com o espaço, visto que a dinâmica cultural engendrada consiste na conjugação das pessoas que estabelecem relações de afetividade.

(...) as representações “construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p. 39)

As narrativas locais emergem micronúcleos identitários, inclusive no que tange ao pertencimento do espaço da própria Favela, possibilitando a ilação da diversidade de pertencimento do lugar, que se desvela como “lar” e extensão da família para alguns moradores mais antigos, que demonstram um discurso de pertencimento e identidade com a trajetória histórica do lugar.

Para esse grupo de moradores, a favela da Barreira se torna um lugar de práticas do cotidiano, de produção de si, seja através da integração com os demais moradores, seja ainda pela satisfação de partilhar experiências junto de suas famílias, o que configura um legado de gerações mantendo relações estreitas de apropriação do espaço, conferindo sentidos de pertencimento.

No entanto, podemos observar no movimento de imigração pendular<sup>8</sup>, a negação do espaço. Nesse sentido, a favela é concebida para determinado grupo de moradores, como espaço indesejado, inconcebível,

---

<sup>8</sup> Denominamos migração pendular, o movimento de entrada e saída, que concebe a Favela como “espaço dormitório”, ou de mera utilização sem pertencimento.

servindo apenas para o regresso do trabalho, enquanto não chega o momento da partida ao trabalho no dia seguinte

Esse grupo de pessoas, encontra dificuldade na aceitação de sua própria inserção no espaço, negando qualquer tipo de possibilidade de relação com o espaço, onde o distanciamento configura o que compreendemos ser “identidades negativas”.

A ambivalência no tocante a concepção de pertencimento do grupo com o espaço da Favela, gerando pequenos núcleos identitários, fundamenta a diversidade no espaço, fazendo com que sejam inseridos vários sentidos de apreensão e apropriação do espaço, o que infere diretamente na construção do *ethos* cultural do local, que manterá, no esteio dessa diversidade, permeada por valores, crenças, e concepções de vida, o arcabouço axiológico e ontológico, que delinea as produções culturais locais.

Assim, a produção cultural local, demonstra-se permeada pelas questões de pertencimento, nas formas de compreensão da Favela, seja como espaço de possibilidades e conforto, numa lógica de territorialidade afetiva, como nos demonstra Certeau (1996), ou ainda como o não lugar, delineado pela imigração pendular, do não lar de Augé (2005), do lugar transitório, cumprindo um papel de “rito de passagem”, onde se refuta a existência local, e por vezes a própria condição de inserção humana.

#### **4. Considerações finais**

A compreensão das produções culturais da Favela da Barreira, demandam análise mais acurado da construção do tecido do *ethos* local, o que tem sido revelada gradativamente nas narrativas dos seus moradores, elemento de fundamental importância ao entendimento da realidade vivenciada e das construções cognitivas e culturais locais, no construto da história oral da comunidade e de vida dos moradores.

As narrativas agregam em si um sistema epistemológico permeado na história oral do homem, aportando alguns elementos ontológicos assertiva evidenciada na análise do discurso dos moradores.

Assim, na medida em que as narrativas refletem ou buscam emergir a produção do sujeito como produto de suas relações sociais reais como na favela mantendo uma reciprocidade com as representações históricas.

No então, precisamos entender que nem sempre as descrições históricas contextualizadas nas narrativas poderão não serem reconhecidas nos estatutos ou postulados positivados requerendo uma compreensão dos sentidos dessas narrativas e a apreensão do diálogo estabelecido com suas relações sociais que o produz, o que permite perquirirmos em quais espaços e sob quais condições relacionais o sujeito se (re)produz.

Nessa perspectiva, percebemos que a concepção produzida pelo materialismo histórico da “favela” manteve-se assentada na ideia de mal, de ser um espaço cruel de pobreza extrema realizando a “*simbólica do mal*” observada em Ricoeur (2013), o que reclama novos olhares perquirindo o reconhecimento de identidade, propugnada a partir do pragmatismo fenomenológico, possibilitado novas interpretações dos signos da Favela a partir da realidade de sua historicidade cultural produzida.

A favela guarda histórias que não estão no reino hegemônico da escrita, que precisam ser aprendidas, desvelando uma realidade que busca sua identidade e que se consolida na resistência, na oposição de predições daquilo que já está posto ou representado de forma distorcida, emergindo assim a necessidade de observação de uma fenomenologia da construção desse ser social e humano.

Enquanto as teorias demonstram representações que se distanciam da realidade, as narrativas tecem construções de história oral sobre as experiências reais, colocando a prova o arcabouço teorizado, o que vem demonstrando um resultado invariável que leva a falha da captura da realidade rompendo com diálogos e embates travados nas arenas dos diversos cenários sociais, deixam assim de capturar as produções humanas em suas múltiplas dimensões, esse é o trabalho de observação e reflexão a partir do real vivido, possibilitando novas reflexões que nos encaminhe a novas hermenêuticas da Favela como espaço de produção cultural que reclama sua identidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, M. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. 1. ed. Lisboa: 90 Graus, 2005.
- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CETEAU, M. de. *A invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad.:

Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 85.

GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal / não formal*. 1. ed. francesa. Sion (Suíça), 2005.

\_\_\_\_\_. *A questão da educação formal / não formal*. *Newsletter*, Evora, ano 1, n. 7, de 27/09/2012. Disponível em:

<[http://siiue.uevora.pt/files/anexo\\_informacao/20112](http://siiue.uevora.pt/files/anexo_informacao/20112)>

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad.: Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEFEBVRE, H. *La presencia y La ausência*. Contribución a la teoria de las representaciones. Trad.: Oscar Barahona. Fundo de Cultura Económica: México, 1983.

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. Trad.: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento e memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.

MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 216.

MEIHY, J. C. *Guia prático de história oral*. São Paulo: Contexto, 2011.

MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICOEUR, P. *A simbólica do mal*. São Paulo: Edições 70, 2013.